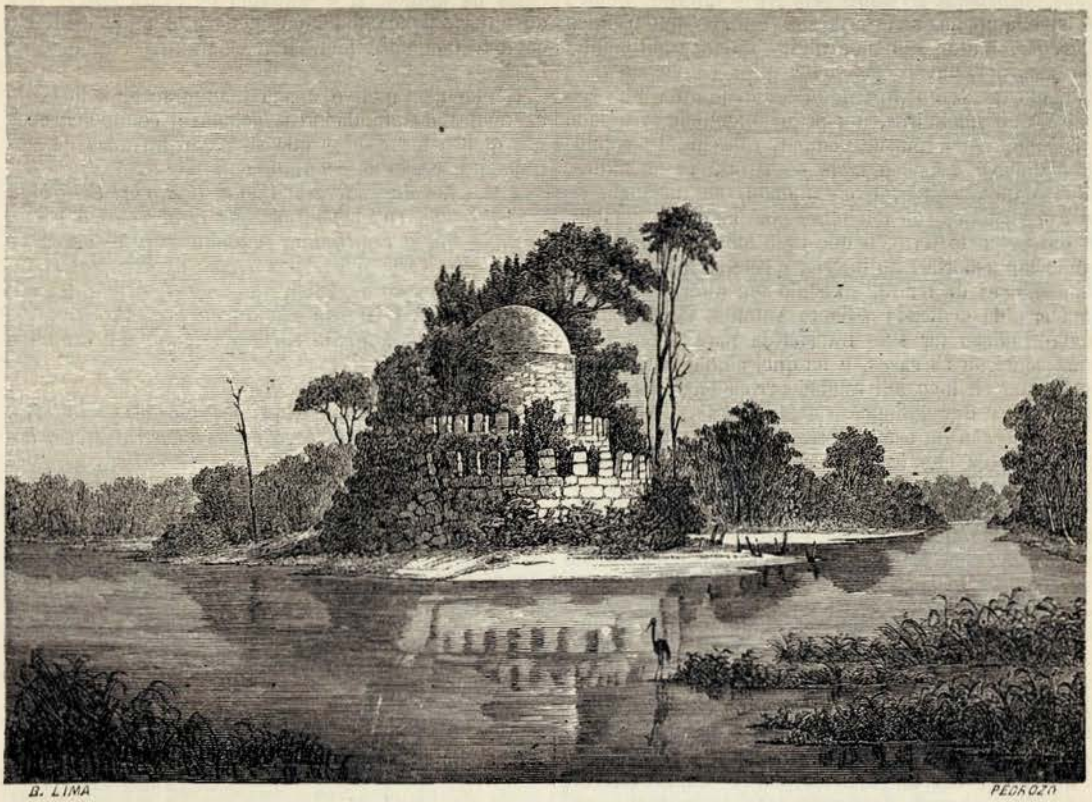


Capella de Santo Antonio na Barroca d'Alva

LOGAR E PROPRIEDADE DA BARROCA D'ALVA

D'entre os estrangeiros que tem vindo estabelecer-se em Portugal avulta distinctamente Jacome Ratton, tanto pela illustração do seu espirito e excellentes qualidades do seu caracter, como pelos serviços que prestou ao nosso paiz, por effeito do seu genio activo e emprehendedor. Do seu bom gosto deixou irrecusavel documento na linda residencia que edificou em Lisboa, na rua Formosa, entre um rico pateo arborisado e um bello jardim. Do seu animo industrioso e creador é padrão a magnifica propriedade da Barroca d'Alva. Vamos dar algumas noticias ácerca d'esta ultima, pois que as nossas gravuras lhe dizem respeito.

Está situado o logar da *Barroca d'Alva* ao sul do Tejo, no concelho de Alcochete, freguezia de S. João Baptista da villa d'aquelle nome. No meiado do seculo passado apenas se compunha a povoação de cinco fogos, com uma ermida consagrada a Santo Antonio. Foi n'este sitio que Jacome Ratton resolveu fundar uma grande quinta, attrahido de diversas vantagens economicas que a localidade offerecia, como eram, além de outras, poder-se fazer alli um importante estabelecimento de marinhas de sal, e a facilidade das communicações com Lisboa por meio do Tejo e do rio das Enguias, onde entram as marés.

Para este fim aforou, pois, mr. Ratton, no principio do anno de 1767, muita extensão de terrenos incultos, cuja superficie mede mais de uma legoa quadrada, a quarta parte da qual, pouco mais ou menos, constava de terras baixas e feracissimas, porém pantanosas, e o resto de differentes qualidades de terrenos, mas pela maior parte arenosos. N'estes, que eram uma charneca de matto curto, semeou pinhal, mandando vir o penisco das mattas reaes de Leiria; e nos pantanos, depois de enxutos, fez lavoira de cereaes, e plantou vinhas, olivaes, pomares e horta, e construiu salinas. Edificou uma boa casa para sua residencia, magnificas officinas, e alojamentos para criados, onde se podem accommodar cincoenta familias. Ao espaço occupado com as vinhas, olivaes, pomares e horta cercou de muro por tres lados, e com uma valla de agua corrente pelo outro.

Com o correr dos annos, e com os melhoramentos feitos pelos herdeiros do fundador, o sr. visconde de Alcochete e seu filho, o sr. barão do mesmo titulo, actual possuidor, tornou-se esta quinta um importantissimo estabelecimento agricola. Os paúes, em que se empregam as charruas francezas do systema mais aperfeiçoado, produzem grande quantidade de trigo e arroz. As marinhas, que são quatro, e muito extensas, tres das quaes foram feitas pelo actual proprietario, podem render annualmente uns 15:000 moios de sal. O pinhal, que levou mais de 30 moios de penisco, e em que mr. Ratton fez sementeiras annuaes pelo espaço de vinte annos, é hoje a maior, mais densa e formosa matta de pinheiros que se conhece nas visinhanças de Lisboa. Além d'estas e das outras culturas acima mencionadas, tambem alli avulta um grande sobreiral.

Encerra esta propriedade dois monumentos curiosos: um, erigido pela piedade religiosa de antigas eras; o outro, levantado modernamente em testimunho de gratidão á Virgem Maria. Consiste o primeiro em uma ermida de fórma acastellada; e o segundo em uma columna com a estatua de Nossa Senhora.

A ermida é redonda, coberta de abobada á maneira de cupula, e de architectura tão singela, que não apre-

senta especie alguma de ornato. É cercada por uma grossa muralha ameiada, com um passeio estreito em volta das ameias, para onde se sobe por alguns degraus encostados ao muro pela parte interior. Dentro da capella apenas se descobrem vestigios de um unico altar. Mr. Ratton, fallando d'esta singular antigualha nas suas apreciaveis *Memorias*, diz: «Havia no valle chamado de *Santo Antonio da Ussa*, junto a um pégo rodeado de salgueiros, um pequeno edificio arruinado e isolado, em fórma de pombal, coisa de 18 palmos de diametro, e pouco mais de 20 até 25 de altura, coberto de abobada, e circundado, na distancia de 10 a 12 palmos, de um muro com ameias á maneira de um pequeno forte, o que tudo mostrava existir de tempo immemorial. No interior d'este edificio se achavam signaes de ter alli existido um altar, e ter sido uma ermida dedicada a Santo Antonio, cuja imagem havia tradição ter sido transferida para a outra ermida contigua ás casas, e na qual ainda se conserva, mandando eu logo alli estabelecer capellão para dizer missa todos os domingos e dias santos».

A invocação da ermida era sem duvida a de Santo Antonio, pois que assim o declaram os auctores da *Chorographia Portugueza*, impressa no começo do seculo XVIII, e do *Diccionario Geographico*, publicado no meiado do mesmo seculo, e outros escriptores mais antigos que consultámos. Porém em todos elles se acha tão sómente menção da ermida, sem noticia alguma ácerca da sua fundação. Todavia esta mesma circunstancia de se achar mencionada em livros antigos, alguns d'elles escriptos ha mais de 200 annos, juntamente com a fórma acastellada do monumento, embora fosse necessidade da epocha, ou capricho do architecto, denunciam, se não muita, alguma antiguidade. A porta da capella, a construcção da abobada, e quaesquer outras particularidades architectonicas, bem como o estado de conservação das muralhas exteriores, podem auxiliar muito o investigador a descobrir, ou, pelo menos, a formar um juizo aproximado sobre a epocha da fundação.

A este respeito, porém, não podêmos aventurar opinião, porque nunca visitámos a Barroca d'Alva. Apenas conhecemos essa propriedade por informações vocaes, ou escriptas, que deixâmos aqui archivadas, e por meio dos dois desenhos que fez, e de lá nos trouxe o sr. Barbosa Lima, os quaes adornam este numero habilmente reproduzidos em gravura pelo sr. Pedroso.

O nome do *valle de Santo Antonio da Ussa* é tambem prova de uma grande antiguidade, pois que o vocabulo *ussa* designa, na linguagem usada pelos nossos maiores até ao começo do seculo XVI, uma ursa. Aquelle nome, portanto, dá occasião a presumir-se que esteja ligada á fundação da ermida alguma lenda milagrosa, em que o thaumaturgo livrasse algum seu devoto de ser victima de uma ursa, como outra lenda, que faz parte da historia de Portugal, refere que por intercessão de S. Luiz, bispo de Tolosa, se salvára el-rei Diniz, andando á caça entre a cidade de Beja e o Guadiana, de ser morto por um urso, achando-se debaixo das garras de tão temivel fera. É facto incontestavel que n'esses tempos havia muitos ursos em Portugal, ousando ás vezes apparecer nos arredores das povoações.

A ermida, como se póde julgar á vista da nossa gravura, está collocada em uma situação summamente bella e pittoresca. Ergue-se do meio de um pequeno bosque de sobreiros, azinheiros, pinheiros, e outras arvores, na extremidade de uma ponta de terra, a modo de peninsula, que entra por uma grande lagoa, que não terá menos de meia legoa de circunferencia.

É alimentada esta lagoa por diversos olhos de agua doce, que n'ella rebentam, e pelo escoamento e infiltração das aguas dos terrenos que a cercam, um pouco mais elevados.

Quanto á columna de Nossa Senhora, levanta-se no centro de um terreiro, guarnecido pelo palacio do sr. barão de Alcochete, e pelas casas dos criados, e officinas da quinta. É a columna de pedra lioz, e terá de altura, pouco mais ou menos, incluida a base e capitel, uns onze metros. A estatua da Virgem é de ferro.

O que deu motivo á sua inauguração, bem como os nomes dos fundadores, acham-se commemorados nas quatro inscripções que se vêem gravadas no monumento, e são as seguintes:

1.ª — *Ave Maria Gratia Plena. Ó Maria! Concebida sem peccado, rogae por nós que recorremos a vós.*

2.ª — *Maria Santissima commovida pelas orações e anciedade d'este povo, poz termo ás devastações da cheia de janeiro de* 1856, *salvando-se ainda dez mil moios de sal. O Barão e a Baroneza d'Alcochete, reconhecidos, mandaram edificar este monumento para memoria.*

21 *de Maio de* 1859.

3.ª — *Saude dos enfermos. Refugio dos peccadores. Consoladora dos afflictos. Soccorro dos christãos. Rogae por nós.*

4.ª — *Saude dos enfermos, abençoai-nos e livrae-nos das febres que nos assolão.*

Entrando no largo, á direita da columna, vêem-se os restos de um poço artesiano, obra mandada fazer em 1825, uma das boas tentativas d'este genero que se fez em Portugal. O resultado foi muito satisfactorio. O poço artesiano forneceu por largos annos excellente agua muito fresca, que ainda conserva, porém inutilisada por se acharem entupidos os encanamentos.

O logar da Barroca d'Alva continha em 1842 trinta e tres fogos, e 93 habitantes. Provavelmente pouco terá augmentado este numero de então para cá.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Conclusão. Vid. pag. 189)

XVI

«Isto repetia-se todas as noites. O costume já me tornára indifferente.

«Passaram-se talvez seis annos, durante os quaes eu nunca saí da minha prisão, e em que, pelo contrario, entraram muitas novas companheiras que vinham augmentar o volumoso peculio, e, ao bater da meia noite, tornar tambem mais numeroso o funebre cortejo dos phantasmas.

«No fim de seis annos morreu o meu usurario! Morreu de repente! Não tivera tempo de fazer testamento, e, segundo me disseram, iamos passar para as mãos de uma herdeira, parenta muito afastada do finado.

«Com effeito, poucos dias depois da morte de Bartholomeu Nunes, vieram uns quatro gallegos para levar a burra a pau e corda.

«Tivemos a consolação de os derrear!

«Quando chegámos á casa para onde iamos, os gallegos escorriam em suor, e praguejavam como uns damnados.

«Uma voz argentina fez-se ouvir junto de nós. Esta voz não me era desconhecida; mas onde a ouvira eu? Impossivel lembrar-me!

«Finalmente rangeu a chave na fechadura, e abriu-se o cofre. Que rosto imagina que me appareceu? O de Camilla! o da minha creadora!

«Descrever-lhe a alegria que senti é-me completamente impossivel.

«Ella primeiro não me conheceu. Espantada de tanta opulencia, não fazia senão repetir:

—«Como aquelle homem era rico!

«Depois tirou para fóra algumas bolsas. Entre ellas ia eu.

«Camilla mirou-me attentamente, e murmurou:

—«Que extranha similhança... É impossivel!... Seria extraordinario!

«Era-lhe facil sair d'aquella incerteza. A sua delicada mãosinha bordára no meu corpo as iniciaes d'ella e de seu marido; por conseguinte, podia procurar esse signal. Foi o que fez.

«As duas letras—*C E*—cá estavam enlaçadas amorosamente.

«Camilla deu um grito de alegria. Beijou-me freneticamente, bradando:

—«Ó minha gentil bolsinha! Torno-te a encontrar. Como estás desfigurada! Que te tem acontecido? Ainda conservas as nossas iniciaes n'um estreito abraço! Symbolo de um amor que passou, que doce amargura eu sinto em te ver!

«Que se passára n'aquella casa? Que acontecimento motivára as tristes palavras de Camilla?

XXII

«Juro-lhe que n'esse momento tive pena de não ser um ente possuidor da faculdade do movimento, de vida, em fim, para poder corresponder aos ternos beijos com que a minha boa dona me saudava. Infelizmente, tinha de me contentar com os receber, e não podia retribuil-os. Via-me obrigada a ficar immovel, gelada, na apparencia indifferente.

«Para lhe poupar o trabalho, que eu tive, de saber a pouco e pouco o que se passára, eu lh'o digo em poucas palavras.

«Camilla, como sabe, tinha genio ciumento. Eduardo era impaciente e teimoso.

«Tinham-se repetido muitas vezes scenas similhantes áquella que me obrigára a sair pela janella, como um amante sorprendido. Uma vez, porém, a discussão fôra mais agitada, do que era habitual. Eduardo irritára-se, Camilla teimára, e o rompimento seguira-se. Fôra uma especie de divorcio *intra muros*, com consentimento de ambos. Não havia nem sombra de escandalo. Muito amaveis um para com o outro na sociedade, em casa viam-se apenas ás horas da comida, fallavam-se muito cortezmente, e depois cada um partia para o seu lado.

«Esta intoleravel situação durava, ia para seis mezes. E não julgue que o amor dos dois esposos tinha afrouxado; pelo contrario, amavam-se cada vez mais; porém o seu genio orgulhoso impedia a cada um d'elles dar o primeiro passo para a reconciliação. Soffriam, e soffriam em silencio.

«Ahi tem a explicação das phrases de Camilla.

«Estava-me ella ainda beijando, quando bateram á porta devagarinho.

—«Dá licença?—disse a voz de Eduardo.

«Camilla enxugou os olhos rapidamente, collocou-me em cima da mesa, e respondeu com voz ainda um pouco trémula:

—«Entre!

«Eduardo entrou. O tempo não alterára a belleza varonil do mancebo; só um bonito bigode negro substituíra o ligeiro buço do adolescente.

«Eduardo devia ter vinte e nove annos.

—«Desculpe-me incommodal-a, disse elle sorrindo; mas nomeou-me procurador n'este negocio da herança, e, por conseguinte, vejo-me obrigado a estar sempre a importunal-a para lhe dar as minhas contas. O ministro da fazenda deve ter entrada franca junto del-rei.

—«Póde vir sempre sem receio de me importunar.

—«Ah! diga isso á vontade. Eu nunca tomo as coisas ao pé da letra. Erro grosseiro, que tanta gente commette, e d'onde resultam tantos desenganos. É para mim axiomatico o seguinte principio: Todo o homem na conversação deve ser um agiota feroz; não receber as palavras sem um desconto de cincoenta por cento. Eu podia n'este ponto fazer um *calembourg* sobre as palavras e as letras... de cambio; mas sou misericordioso. Ah! a proposito de agiota; estava dando balanço aos fundos do seu parente? Já vejo que não podia chegar em melhor occasião.

—«Não! engana-se; estava contemplando as bolsas em que elle mettia o dinheiro. Tem algumas que não são feias.

—«Ia jurar que conhecia esta, bradou Eduardo erguendo-me com vivacidade; parece-se tanto com uma...

«Interrompeu-se, passou a mão pela testa, e depois continuou:

—«Com uma que desappareceu, como tudo o que ella symbolisava.

—«Recordações?! tornou Camilla sorrindo ironicamente.

—«Não. Vento de inverno que sacudiu um instante as cinzas frias de um amor que morreu! Se uma centelha fulgurou por acaso, desculpe-me.

—«Desculpal-o?!

—«Sim, desculpar-me! Nem todos tem força sufficiente para arrancar pela raiz, do jardim do coração as ridentes flores da mocidade. Sobre o tumulo, em que sepultámos o passado, brotam involuntariamente rosas. Passa uma aragem ligeira, e lá nos vem um perfume acariciar de novo. Mas deixe, que hei de decepar a roseira, ainda que da hastea cortada corra o sangue em borbotões.

—«Quem foi o culpado d'isso?

—«Quem? Nem eu sei. Sei apenas que esse algoz desconhecido retalhou-me bem fundo o coração. Bem fundo! Como vê a cicatrização não foi perfeita, e a ferida ainda sangra de vez em quando! Que loucura! — continuou elle mudando de tom, e sentando-se n'uma cadeira com modos affectadamente joviaes, se não foi melhor assim! Para fallarmos verdade, Camilla, já nos iamos tornando ridiculos com o nosso eterno arrulhar! Que absurdo! Dois pombinhos namorados, atravessando o mundo, atados um ao outro com o laço côr de rosa do santissimo matrimonio! O mundo ria-se e tinha razão; porque o mundo tem sempre razão. Agora é que estamos bem. Somos uns esposos comedidos; encontrâmo-nos tres vezes por dia; eu sou o seu procurador, v. exc. a minha intendente. Eu sou o encarregado dos negocios estrangeiros, v. exc. dos do reino. Vejam se ha n'este mundo viver melhor! A paz do Senhor habita comnosco! Ah! — continuou Eduardo animando-se successivamente, morram as suaves recordações! Arraze-se o jardim, para fazer brotar a horta das conveniencias! Morra tudo quanto nos possa recordar as doces horas do alvorecer do nosso amor, esses arrufos, chuvas de primavera, os beijos da reconciliação, iris delicioso! Olhe, dê-me licença que afaste da nossa vista tudo quanto possa despertar pensamentos perigosos, prejudiciaes ao nosso repoiso. Morra este ultimo objecto, que ainda se atreveu a fallar-me em coisas para sempre esquecidas.

«E, dizendo isto, levantou-se n'um incrivel estado de agitação, e agarrando em mim com vehemencia, ia a atirar-me pela segunda vez pela janella fóra. Eu estava já desesperada pela incrivel tendencia que Eduardo mostrava para me fazer saltar pela janella, e pensando na minha triste sorte, que ia atirar comnigo ao mar das aventuras, quando julgava entrar no porto de salvação.

Um grito de Camilla foi quem me livrou de travar de novo conhecimento com o espaço.

—«Eduardo, Eduardo, bradou ella com as lagrimas nos olhos, vê bem essa bolsa!

«Eduardo contemplou-me, viu as iniciaes, reconheceu-me, e, voltando-se para Camilla leu-lhe nos olhos uma tal expressão de amor, que, sem se poder con-

ter, caíu-lhe aos pés, banhado em lagrimas deliciosas, em quanto ella n'um extasi ineffavel lhe beijava os cabellos.

«Que momento aquelle!

XVIII

«Termina aqui a minha narração! Nas bolsas como nas nações, são felizes as que não tem historia.

«Dir-lhe-hei unicamente que fui conservada em casa de Camilla e de Eduardo, como uma reliquia preciosa, que se conservava tal qual eu tinha reapparecido, para trazer a concordia áquelles dois estouvados.

«Quando Eduardo morreu, fui eu a confidente e a consoladora de Camilla. Como esta nunca tinha tido filhos, era commigo que fallava em seu marido, e muitas vezes me regou com as lagrimas que derramava. A pobre senhora conservava sempre viva e ardente no coração a imagem do seu esposo.

«Morreu a opulentissima viuva. Os herdeiros, tambem já bastante ricos, quizeram liquidar aquelles immensos haveres. Venderam tudo, eu fui com a mobilia da casa, e alli, graças ao meu amigo, salvei-me de cair nas garras de algum segundo Bartholomeu Nunes, que me tivesse seis annos fechada em cofre.

«Ao menos com o senhor tenho podido tagarellar.

«Aqui ponho ponto».

XIX

Assim fallou a bolsa, e eu, secretario fiel, fui escrevendo textualmente o que ella me dictou.

Tiro de cima dos meus hombros toda e qualquer responsabilidade.

A aurora começava a apontar no horisonte. Ao passo que a deusa de roseos dedos abria as portas do Oriente, a bolsa a pouco e pouco ia perdendo a animação ficticia, que um poder sobrenatural lhe emprestára, e ia-se deixando cair em cima da mesa.

Eu, ingrato, não me importei com isso. Em quanto ella ia voltando ao seu estado normal, contemplava satisfeito o papel inundado de garatujas, cuja perpetração principal não fôra commettida por mim, e escrevia no fundo da ultima pagina, as seguintes palavras sacramentaes:

Finis, laus Deo. M. Pinheiro Chagas.

A SCIENCIA NA EDADE MÉDIA

E AS ENCYCLOPEDIAS D'ESSE TEMPO

(Vid. pag. 191)

VI

Entre os sabios que buscaram reduzir a encyclopedia os conhecimentos das sciencias no seculo decimo terceiro, figura em logar preeminente o famoso florentino que teve a gloria de ensinar o maior poeta da edade média, o immortal cantor da *Divina Comedia*.

O livro do *Thesouro*, a que messer Brunetto Latini chamou, segundo as fórmas grammaticaes do francez de então, *Li Livres dou Tresor*, é a primeira encyclopedia que, em idioma fallado e popular, se escreveu no mundo christão.

Em taes quilates o avaliava o seu auctor, que o Dante no canto XV do *Inferno*, ao despedir-se do seu antigo mestre e amigo, põe na boca d'elle estes versos, em que o celebre secretario florentino, prestes a volver ao supplicio devido a seu abominavel peccado, recommenda ao poeta o livro que lhe fôra predilecto:

Sieti recommandato 'l mio *Tesoro*
nel qual i' vivo ancora: e più non cheggio [1]

Brunetto Latini tem de commum com os sabios do seu tempo a universalidade da sciencia. Distingue-se porém d'elles no espirito mais mundano que dictou os seus escriptos, e na tendencia politica das suas idéas, que mais o approximam de S. Thomaz de Aquino, do que da austera theologia e da philosophia experimental de Rogerio Bacon, e de S. Alberto Magno. Como Vicente de Beauvais, tentou reduzir a compendio toda a sciencia do seu tempo, e ousou formular no seio da Europa feudal e meio barbara, os primeiros, posto que mal definidos, lineamentos do direito publico e da philosophia social.

Pertencente a uma familia illustre, florentissima em talentos, entre os quaes Latino Latini foi depois memoravel por sua erudição e boas letras, Brunetto, filho de Bonacorso Latini, nasceu em Florença em 1230, e depois de desempenhar uma certa missão diplomatica junto de Affonso X rei de Castella, o primeiro astronomo e o grande legislador d'aquelle seculo, voltou á patria, onde, no governo da republica, tão agitada de facções e tão fertil em graves acontecimentos politicos, tomou a arte que naturalmente lhe deviam assegurar as suas excellentes prendas de estadista e de sabedor.

Diz João Villani [1] que Brunetto Latini «foi iniciador e mestre em polir os florentinos, em fazel-os cultos no fallar, e em saber guiar e reger a republica segundo as normas da politica».

Era homem mui facundo na lingua latina e toscana, e da franceza teve larga experiencia, durante o longo tempo que assistiu em França exilado de sua patria, depois que os florentinos haviam sido desbaratados na batalha de Monte Aperti, ganha por Manfredo, caudilho do partido gibelino.

Foi durante os annos anteriores ao seu exilio, que Brunetto Latini exerceu o nobilissimo officio de preceptor do Dante, tendo egualmente por discipulo ao celebrado Guido Cavalcanti, de quem se encontra memoria no poema de Alighieri, o qual no verso 85 do canto XV do *Inferno* solveu a messer Brunetto a divida da primorosa educação que d'elle recebêra, dizendo:

..................Ed or m'accuora
La cara buona imagine paterna
Di voi quando nel mondo ad ora ad ora
M'insegnavate come l'uom s'eterna.

Morto Manfredo na batalha de Benavente, a 26 de fevereiro de 1266, e triumphando Carlos d'Anjou e o partido guelfo em Florença, pôde Brunetto Latini volver á patria e reassumir o cargo antigo, que exercêra, de secretario dos conselhos da republica. N'este officio eminente cooperou Brunetto em todos os episodios politicos da republica, theatro da mais tempestuosa actividade civica de que ha memoria durante a meia edade. Por seu espirito de paz e tolerancia, pelo ardente amor que dedicava á sua patria, e pela grande auctoridade de seu engenho e de suas letras, foi elle um dos mais assiduos promotores da ephemera paz e conciliação que entre os guelfos e gibelinos de Florença se celebrou em 1280, e que poucos fructos sazonou para a republica, por haverem chegado aos ultimos lances de fanatismo e de ambição politica as duas parcialidades que dilaceravam, desde largos annos, o seio da mãe patria.

Foi Brunetto successivamente syndico do municipio de Florença, um dos doze priores, em 1287, e *arringatore* (orador) nos conselhos da republica em 1289.

Depois de uma existencia repartida entre a cultura das sciencias e das letras, os negocios politicos da cidade, e as perseguições e exilios com que o experimentavam seus adversarios, veiu a fallecer pelos annos de 1294, e foi sepultado na egreja de Santa Maria-la-Novella, em Florença, onde o seu tumulo ainda hoje se conserva. Dos quatro medalhões que decoram

[1] Dante. *Inferno*, canto XV, V.

[1] *Cronica fiorentina*, lib. VIII, cap. X.

a cupula do tumulo de Dante na cidade de Ravenna, um d'elles representa o busto de Brunetto, e nos tres restantes estão esculpidas as imagens de Virgilio, de Cangrande della Scala, e de Guido Cavalcanti.

É sabido que a memoria de tão benemerito varão, como foi o secretario florentino, anda no vulgo maculada com a nota do feiissimo peccado por que o figurou suppliciado no seu *Inferno* o sombrio cantor da *Divina Comedia* E posto que a propria victima de tão infamante imputação, contra o vicio de que o reprehendem protestasse em um logar do seu *Tesoretto*, sempre tem ido prevalecendo a auctoridade do poeta, que apesar das grandes mostras de veneração que lhe consagrava, lhe retribuiu com tal desdoiro as obrigações da primorosa educação, em que o tivera por por mestre e conselheiro. [1]

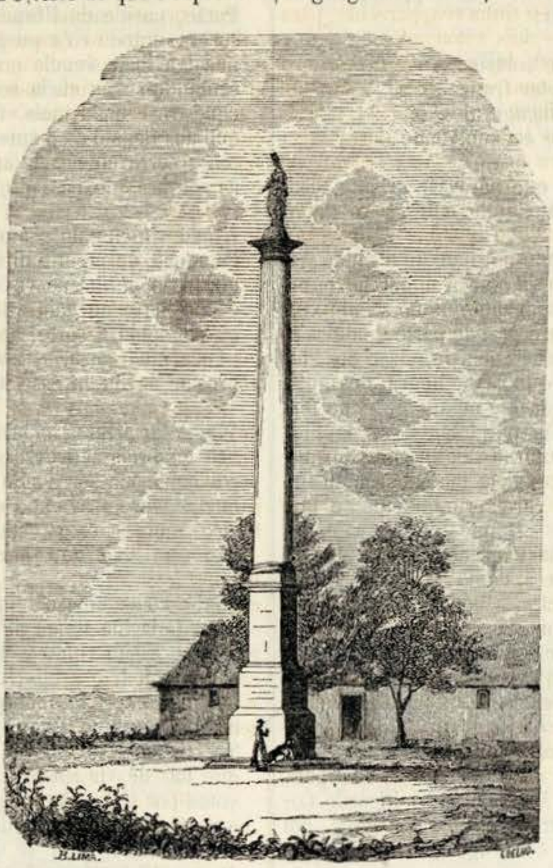
Aproveitando o lazer que lhe consentiam os negocios da republica, ou as perseguições que lhe movia a parcialidade gibelina, exerceu Brunetto Latini o seu fecundo engenho em escrever diversos tratados, originaes alguns, outros versões e paraphrases de antigos escriptores. D'este numero são notaveis a *Ethica de Aristoteles reduzida a compendio*, e entre os primeiros ficou memoravel o poema a que Latini chamou *Tesoretto*. É um poema moral sob a fórma de uma visão maravilhosa, fórma litteraria mui commum n'aquelle seculo, em que elle se eleva até á grandeza épica sob a valente inspiração de Dante. Compõe-se o *Tesoretto* de mais de tres mil versos setenarios de rimas emparelhadas, e começa:

Lo Tesoro comenza
in tanto che Fiorenza
fioriva e fece frutto
Si ch'ella era del tutto
la dona di Toscana.

É o *Tesoretto* como que a preparação para o livro do *Thesouro*, que Brunetto Latini escreveu mais tarde em idioma francez, quando as turbações da sua patria o forçaram a buscar asylo n'aquella nação hospitaleira.

Foi escripto o *Thesouro* no francez ainda meio barbaro d'aquella edade, em que a linguagem toscana a todas as neo-latinas sobrelevava já em vigor e galhardia. Confrontadas, de feito, as obras toscanas e francezas que n'aquelle seculo se escreveram, patenteia-se que o idioma italiano fixára as suas fórmas, aprimorára as suas locuções, e raiára na adolescencia, nos canticos de Dante, nas singelas historias do *Decamerone* de Giovanni Boccaccio, em quanto que a musa franceza luctava com as fórmas mal determinadas de uma linguagem já flexivel, mas ainda quasi infantil e deseducada.

Escreveu Brunetto o seu *Thesouro* em lingua franceza, pelas razões que logo assignala ao começar o livro: «Et se aucuns demandait, diz elle, porquoi ces livres est escris en romans, selon le langage des françois, puisque nos somes Ytaliens, je diroie que ce est por. i j. raisons: l'une car nos somes em France; et l'autre par ce que la parleure est plus delitable et plus commune à toutes gens». O que vertido em vulgar significa: E se alguem perguntar porque sendo eu italiano, escrevi este livro em romance, segundo a linguagem franceza, direi que o fiz por duas razões: a primeira porque estou em França, e a outra porque o fallar d'esta nação é mais deleitavel e mais commum a toda a gente. [1]



Columna votiva a Nossa Senhora da Barroca d'Alva

D'este periodo se evidenceiam duas coisas. É a primeira quanto n'aquelle seculo era estranhavel que alguem tentasse escrever, ácerca das sciencias, no que então se appellidava *romance*, quer dizer, nas linguagens vulgares, oriundas do latim, reputadas menos dignas de formularem os graves pensamentos, e apenas reservadas para o dizer commum da gente indouta, e para as manifestações da poesia de então, pela maior parte popular. E de feito, todos os que reduziram a corpo summario de doutrina o que das sciencias se conhecia n'aquella epocha, preferiram, a escrever em seus idiomas vernaculos, a augusta consagração de seus escriptos pela baixa latinidade das escholas, a qual posto que apenas esqueleto nu e em parte deformado da que fôra elegante e primorosa linguagem de cultos e mimosos escriptores, sempre brilhava com alguns reflexos de sua primitiva luz, e ainda que rainha, deposta do throno e arrastada no lodo por gentes barbaras do norte, conservava comtudo certo donaire senhoril, e uma tal qual harmonia e magestade romana.

O segundo reparo que naturalmente se nos offerece, é o ser a linguagem franceza já no seculo XIII, segundo o juizo de tão insuspeita auctoridade, como era um toscano cioso das preeminencias intellectuaes da sua terra, a mais vulgar e conhecida na Europa civilisada. Com o que se põe de manifesto quão antiga é a posse em que, de ser lingua universal, anda desde largos seculos a franceza.

Aquelle idioma estava, de feito, como que predestinado, quasi desde o seu berço, ao glorioso officio de ser o mais fecundo intermediario do pensamento christão e civilisado. Mais que as victorias militares e as sumptuosidades aulicas, aquelle primoroso fallar que havia de accrescentar o esplendor e luzimento do seculo de Luiz XIV, desde o seu primeiro e ainda rude germinar, gozava já da preeminencia na vulgarisação da idéa moderna.

De França haviam irradiado, ainda nas trevas da edade média, as excursões aventurosas que levavam o espirito francez ás mais desvairadas e distantes re-

[1] Dante, *Inferno*, canto XV.

[1] *Li Livres dou Tresor*. Liv. 1, parte I, cap. 1, p. 3, 1864, na *Collection des documents inédits sur l'histoire de France*.

giões. Á Sicilia, berço de uma notavel civilisação hellenica, a Napoles, a antiga Magna Grecia, tão fecunda no solo dos seus campos como fertil na imaginação dos seus grandes pensadores, haviam levado o idioma francez, quasi infantil, as expedições dos normandos, guiados pelo heroico Robert Guiscard. A nascente civilisação franceza fôra, com a nova linguagem, transplantada para a Gram-Bretanha por Guilherme o Conquistador. Do idioma francez fazia Henrique I, filho e successor do grande Bastardo, o mais patriotico elogio na sua trova, que dizia:

Seiez debonere e corteis
Sachez aussi parler franceis
Quar molt est langage alosé
De gentil homme est molt amé. [1]

Como se quizesse dizer, que para ser urbano, cortez, e gentil-homem, se havia de cultivar o nativo idioma dos francezes.

Durante a monarchia anglo-normanda, e ainda depois d'ella, continuou este idioma a andar na posse dos fóros de official e cortezão, até que no seculo XIV, o velho anglo-saxonio, já em grande parte modificado em suas feições septentrionaes pela influição dos elementos neo-latinos, tomou o logar de honra, deixando comtudo a locução normanda até nossos dias, no formulario e ritual das coisas parlamentares, os profundos vestigios da sua diuturna dominação. Na propria universidade de Oxford, hoje tão soberba da sua origem saxonia e do seu caracter nativamente britannico, ainda em 1328 os estatutos de alguns collegios prescreviam que nos usos academicos se fallasse latim, ou pelo menos francez, como se quizessem assegurar ás relações intellectuaes dos escholares, uma linguagem que podesse reputar-se universal.

O movimento dos cruzados, grandissimo refluxo das populações e da civilisação do occidente para as terras orientaes das antigas civilisações, levára com as instituições e a cavallaria da Europa, a lingua franceza até ás ultimas cidadellas onde fluctuou a bandeira christã. Os exercitos de Godofredo de Bouillon, de Balduino, de Philippe Augusto, e de Ricardo Coração-de-Leão naturalisaram o francez na Moréa, em Chypre, na Constantinopla dos imperadores, na Syria e na Palestina.

Na Italia era linguagem vulgar, ao que parece, a lingua franceza, porque um contemporaneo de Latini, Martino da Canale, escrevendo n'aquelle idioma a historia de Veneza, dizia havel-o feito «porce que lengue franceise cort parmi le monde et est plus delitable á lire et á oïr que nulle autre». [2] O que em vulgar quer dizer: «porque a lingua franceza corre no mundo e é mais agradavel de ler e de ouvir que qualquer outra».

(Continua) J. M. Latino Coelho.

A PHARSALIA DE LUCANO

LIVRO VII

BATALHA DA PHARSALIA

Nunca mais tardo em seu eterno officio
Phebo surgiu do mar; nunca mais torvo
instigando os corseis no ascenso ethereo
á vertigem dos ceos oppoz o carro.
Deseja escuridão, quizera eclipses;
teme ver, teme olhar; some-se em nuvens:
não por dar n'ellas pasto ao proprio fogo,
mas por não reluzir sobre Pharsalia.

[1] Abbé de la Rue. *Bardes, jongleurs et trouvères normands et anglo-normands*, t. II p. 37 e 38.

[2] *Histoire littéraire de la France*, t. XXIII pag. 463 465, t. XXIV, pag. 546.

A noite que lá vae, que em si vos leva,
ditas do grão Pompeo, inda com sonhos
lhe andou a alma solicita enganando.
Via no seu theatro um povo immenso
a applaudil-o, a mandar seu nome aos astros;
clamor, applauso, festival tumulto,
quaes outr'ora os gozou nos floreos annos
co'o primeiro triumpho, harto devido
ao domador de Ibéros, e de quantos
o transfuga Sertorio acaudilhára.
Então, pacificada Hesperia toda,
se era grande co'a purpura em triumphos,
na alva toga singela era-o não menos,
sentando-se na curia ao som de applausos,
equestre e nada mais. Como sentindo
que aos bens d'esse aureo tempo é vindo o termo,
olhos cerra ao porvir angustioso,
ás sombras do passado asylo invoca.

A que vinham no somno imagens d'estas?
Pelo uso de mentir diria o sonho
que se oppunha ás visões a realidade,
e encoberto na gala andava o lucto?
ou condoída a sorte, ao que da patria
nunca mais gozaria, achou ser justo
prestar de Roma esse ultimo reflexo?

Vigias do arraial, clarins, silencio!
não quebreis seu descanço, extremo somno
em que póde sorrir. Se ámanhã dorme,
que repouso tremendo o não aguarda!:
co'a impressão dos catastrophes diurnos,
não verá mais que funebres derrotas.

Sonho como hoje o tens lograsse-o Roma!
Sim, feliz tua Roma se te visse
mesmo assim como a vês! Prouvera aos numes
dar-vos, a ti e a ella, um dia ao menos,
em que ella e tu, Pompeo, na angustia summa
com este mutuo amor vos consolasseis!
Tu, tu foges da patria, inda esperando
que has de vir morrer n'ella; ella, que nunca
votos por ti baldou, não crê possivel
que nos fados a aguarde horror tamanho:
ser privada a final 'té do sepulchro
do seu dilecto heroe! sobre elle ao menos
velhos, moços, infantes, verteriam
espontaneo o seu pranto, e desgrenhada,
como no funeral do antigo Bruto,
a turba feminil ferira os peitos.
Assim (que differença!) os teus romanos,
mesmo a tremer do vencedor iniquo,
mesmo sendo elle armado o que lhes narre
a historia do teu fim, tem de chorar-te,
mas chorar-te incensando-lhe a victoria,
chorar-te, indo trançar-lhe os impios loiros
ante as aras de Jupiter Tonante!
Desventurada gente! apenas gemem.

Apinham-se em téu fulgido theatro;
e vendo em teu logar teu inimigo,
não ousam tanta dor soltar em prantos.

Já de estrellas se varre o firmamento;
vem clareando a manhã. Susurro grande
sôa por todo o campo. Andam sedentos
de que a voz dos clarins troveje alarma.
Já lhes tarda o conflicto, o grão conflicto,
que ha de arrastar os fados do universo.
Turba immensa de miseros, que ao dia
não tem de ver o fim, murmura em torno
ao pavilhão do chefe, e tumultua,
e arde, e tem perto a morte e a morte apressa.

Já passam de impaciencia a raiva infrene.
Parecem todos sofregos de exicio
para si, para a patria.

—«É frouxo, é timido,
— se ouve já vozear de rancho em rancho —
«poupa ao sogro de mais. Acha delicias
«em regêr tanto mundo; em quanto reina
«nos povos que aggregou de toda a parte,
«vae-lhe bem; não quer paz.»—

Não menos bramam
reis e nações da aurora:

—«Estas delongas!
«É tão longe da patria!...»—

Assim, deidades,
quando nos decretaes um cataclismo
converteis sempre em crime errores de homens.
Corremos á ruina; armas pedimos
que tem de se voltar contra nós mesmos.
No arraial de Pompeo Pharsalia imploram!

Da eloquencia romana o pae, o exemplo,
Tullio, o que ante as pacificas segures,
a toga imbelle, o consular direito,
fez tremer o soberbo Catilina;
já de guerra enfadado, já saudoso
da tribuna e do foro, e não podendo
por mais tempo calar como soldado,
falla em nome dos mais; suppre a facundia
á fraqueza da causa:

—«Hoje a fortuna,
«grande Pompeo — diz elle — implora, em paga
«de quanto houveste d'ella, a não repulses.
«Supplicam-n'o a teus pés tantos magnates
«que enchem teus arraiaes; monarchas tantos
«que seguem teus pendões; na voz de todos
«ouve do mundo a supplica: permitte,
«permitte que a teu sogro alfim vençamos.
«Tão longo tempo em guerra a especie humana
«só por causa de um Cesar! Taes demoras
«para nações que a perpassar venceste
«já se tornam affronta. Onde os teus brios?
«onde o fiar no fado? Os numes temes?
«que ingratidão!: desconfiar dos numes
«em causas do senado!

«Acode ao mando,
«se não queres que as hostes per si mesmas
«levem das signas, e ao combate voem.
«Venceres constrangido era deslustre.

«Se nosso general te ha feito a curia,
«se para nós se lida, a nós pertença
«arbitrar da batalha o onde e o quando.
«És de Cesar broquel? votas furtal-o
«ás sedentas espadas do universo?
«Olha as lanças em punho a estremecerem-se!
«o toque de investir anceiam todos.
«Sus! pregôa o rebate; ou logo as tubas,
«deixando-te de após, vão trovejal-o.
«É mister que o senado em fim conheça
«que parte faz aqui: se é militante,
«se mera comitiva ao cabo egregio.»—

—«Trahem-me os immortaes—diz em si mesmo,
suspirando, Pompeo—«luctei co'os fados!»—

Mas logo, alçando a voz:

—«Se apraz a todos,
— exclama — «se é mister que o vosso chefe
«baixe a soldado agora, aos fados cedo;
«venha, e não tarde mais, a povos tantos
«a ruina commum; seja este dia
«a tão vasta porção da humanidade
«a sua luz postrema. Em testimunho
«tomo a Roma, porém, que acceito á força
«jornada tão mortal para o universo.

«Sim, patria: era uma guerra que podia
«terminar-se incruenta. Sem combate,
«subjugado, captivo, o auctor de tudo
«era designio meu rojar-t'o ás plantas,
«e á paz, que impio violou, deixal-o entregue.

«Cegos! cegos! não querem sem flagicios
«guerras civis findar! Horrorisava-os
«a victoria de sangue immaculada!

«Vedámos terra e mar aos inimigos;
«devoraram famelicos as messes
«ao despontar do solo; em tanto apuro
«os puzemos em fim, que preferiram
«vir á espada morrer, matando os nossos.

«Uma guerra, em que até nos mais bisonhos
«se encontra impavidez para os combates,
«mal podia durar; (se todavia
«este ardor, esta furia, estes arrojos,
«não são antes pavor do mal futuro,
«que marcial esforço). Heroe só chamo
«ao que arrosta um perigo inevitavel,
«mas os não cria em vão. Fortuna a rir-nos,
«e vós a aventural-a! Ás contingencias
«entregareis do ferro o bem do mundo?
«Pelejar não vencer é vosso empenho?

«Reger, salvar o imperio me incumbia;
«impozera-m'o o fado; ao fado volvo
«o imperio inda mais forte; elle o proteja
«nos vaivens d'esta improvida batalha.
«Nem gloria, nem desar me cabem n'ella.

«Aos pios votos meus os votos impios
«de Cesar ante os numes prevalecem:
«combata-se. Que horrores, que infortunios,
«vão brotar d'este dia! que de reinos
«arrazados! que sangue de romanos
«a tingir o Enipêo! Se esta cabeça
«póde cair sem que estremeça o mundo,
«sem que o partido meu com ella cáia,
«eu seja o alvo da primeira lança.
«Mais quero assim morrer que tal victoria:
«pois se a lógro, esta immensa mortandade
«faz-me aos povos odioso; e se a não colho,
«perco a honra. Vencido, imputa-me o orbe
«que o perdi; vencedor, que fui sem alma.»—

Assim desafogada a consciencia,
não mais resiste ao impeto dos povos;
desaçaima os leões. Lembra piloto
que á possança do Cauro em fim se rende
exhausto de arte e força; o lenho, a vida
á mercê dos tufões caído entrega.
Freme o arraial com trepido alvoroto;
nos feros corações arqueja o brio.
Em muitos, medo á morte já visinha
cadaverico aspecto imprime ao rosto.
Vê-se pelo cariz do acampamento
ser vindo o dia critico do imperio:
o dia de firmar perpetuidade,
ou perecer de todo. Os trances proprios
ante os de Roma cada qual deslembra.
Quem vendo o mar cobrir praias e montes,
cair o sol, precipitar-se o ether,

na morte universal temêra a sua?
Como ha de em si pensar quem pensa em Roma?
e com Roma em Pompeo?

Na areenta pedra
as afiadas laminas se afiam
'té se espelharem; sobre duros seixos
as lanças tortas se endireitam; prendem
cordas mais rijas nos flexiveis arcos;
enchem-se os coldres de escolhidas settas;
redeas, freios concerta o cavalleiro;
aguça as puas.

Se trabalhos de homens
podem co'os d'immortaes equiparar-se,
assim ferveu nas siculas bigornas,
lá quando Phlegra alçou furiaes Gigantes,
armeira lida insolita: o montante
se retempera a Marte; o deus das ondas
quer de novo caldeado o seu tridente;
Apollo, as frechas que a Python sanhudo
prostraram morto; Pallas, lhe diffundam
na égide outra vez gorgoneas grenhas;
Jove, que os raios lhe restaure o Cyclope.

Não faltaram terrificos agoiros:

Indo-se já caminho de Thessalia,
a massa aérea em peso os repellia.
Das nuvens rotas rebentando raios
deslumbravam a gente. O fogo ethereo
em mil fórmas de horror se dispartia;
já de fachos co'a turba arremettentes;
já de columnas maximas. Negrejam
trombas, de aguas e troncos sorvedouras.
Cega-se co'os relampagos. Coriscos
passam, levam no vôo a crista aos elmos,
derretem sobre o punho as folhas nuas,
fogem co'as lanças liquidado o ferro.
Por toda a parte as armas homicidas
fulminadas do ceo se esvão em fumo.
De innumeros enxames recobertas
mal se podem do solo alçar as signas;
entre as mãos dos alferes cabisbaixos
são carga estranha agora. Até Pharsalia,
inda são da republica e de Roma;
por isso vão de lagrimas regadas.
Toiro á força arrastado ao sacrificio,
derriba a ara; para a Emathia foge;
e não se encontra victima que o suppra.

Mas tu, Cesar, no entanto a que deidades
fautoras de flagicios, a que Eumenides,
a que essencias da Styge, a que nefanda
coisa infernal, e incognitos furores,
o evento da jornada encommendavas?
Sim, pois consta que á hora de a romperes,
tão crua, tão sacrilega, te hão visto
absorto em litações religiosas.
Fosse real portento, ou susto apenas,
do campo de Pompeo notaram muitos
que o Pindo contra o Olympo arremettia,
e em rotos valles se abysmava o Emo.

Toda a noite das bandas de Pharsalia
se ouviu grita guerreira. Ás abas do Ossa
encheu sangue em levada o Bébeo lago.

Cada soldado olhando os companheiros
vê seus rostos (que assombro!) entenebrados;
lurido o ar, e sobre os elmos noite.

Sombras de mortos paes, de consanguineos,
lhes andam ante os olhos volitando.

Ha contra horror tamanho um só conforto:
conscio dos votos seus, nefandos votos,
aquelle humano enxame, em taes prodigios,
monstros, partos da mente allucinada,
antevê, como em clara prophecia,
que no collo dos paes, de irmãos nos peitos,
vão mergulhar o ferro. O que é delirio,
crem-n'o para a impiedade auspicio fausto.

Se males antever é dado ao homem,
a povos nas tormentas da agonia,
que admira se requinte a luz presaga?

Romano morador na Tyria Gades,
na Armenia ao rez do Araxe, em quaesquer terras,
sob estrellas quaesquer onde ha romanos,
sem saberem por quê, sentem-se tristes.
Ninguem lhes disse o que lhes vae na Emathia;
mas vago anceio, que elles proprios culpam,
involuntario a seu pezar os vence.

Certo agoireiro, se não mente a fama,
sentado essa manhã no Euganeo monte,
lá d'onde jorra fumegando o Apono,
e Timávo o Antenorio espalha as aguas,
exclamou:

—«Chega o dia! a crise do orbe!
«De Cesar e Pompeo lá principia
«a abominosa lucta!»—

Annunciou-lh'o
na voz de algum trovão, na luz de um raio,
Jove presagiador? lêra-o nos ares
resistentes aos ceos? nos ceos discordes?
nos polos? no clarão tristonho do ether?
ou do sol no pallor? Á fé que um dia
do theor d'esse que assombrou Thessalia,
nunca o manifestára a natureza.
Se a sciencia augural tivessem todos,
e a applicassem ao que ia de estranhezas
pelo universo então, de todo o mundo
se houvera presenciado o horror pharsalio.

Que homens aquelles dois! que enormes vultos,
pois merecem que aos olhos do universo
a fortuna d'est'arte os apresente,
concentrado o ceo todo em seus destinos!

Quando lá no futuro os tardos netos
fallarem d'esta guerra, ou porque a fama
por si de edade a edade a perpetue,
ou porque os versos meus lh'a commemorem,
palpitarão de susto e de esperança;
mandarão votos irritos aos numes;
e, trocando no animo espantado
preterito em porvir, por ti, ó grande,
ó sublime Pompeo, serão quaes somos.

(Continua) JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

Em tanto estimava o imperador Adriano o conselho, e tão pouco se pagava de si (sendo tão sabio como foi), que em qualquer negocio de boa vontade consentia ser admoestado, e ainda aconselhado, por humildes sujeitos. Portanto, o que quizer acertar, e dar mostras de sua prudencia, quando determinar fazer alguma coisa consulte a outros, e com seus votos a dê á execução; porque assim como um medico ha mister outro (quando enferma) para o curar, e não se fia de sua sciencia, assim importa muito buscar quem esteja mais visto nas coisas para nos aconselhar, se é certo que mais vêem quatro olhos que dois.

MIRANDA — *Tempo de Agora.*